

45 ANOS DO CEAPIA: CONVERSANDO COM OS FUNDADORES E COLABORADORES HISTÓRICOS

45 Years of CEAPIA: A Conversation with the Founders and Historic Collaborators

FERNANDO KUNZLER¹
LUIZ CARLOS PRADO²

RESUMO: Este artigo apresenta a transcrição do evento “45 anos do CEAPIA: conversando com os fundadores e colaboradores históricos”, realizado em abril de 2023. No evento, os fundadores e colaboradores compartilham suas experiências e reflexões sobre a formação e trajetória do CEAPIA, destacando desafios, curiosidades e conquistas. A transcrição oferece uma visão aprofundada da história do CEAPIA, sendo valiosa para profissionais e estudantes interessados na área. Além disso, promove a reflexão sobre o papel e a continuidade do CEAPIA como instituição destacada no atendimento psicoterápico de crianças e adolescentes. **PALAVRAS-CHAVE:** CEAPIA. História. Fundadores.

ABSTRACT: This article presents the transcription of the event “45 years of CEAPIA: conversing with founders and historical collaborators,” held in April 2023. During the event, founders and collaborators share their experiences and reflections on the formation and trajectory of CEAPIA, highlighting challenges, curiosities, and achievements. The transcription provides an in-depth insight into the history of CEAPIA, being valuable for professionals and students interested in the field. Furthermore, it promotes reflection on the role and continuity of CEAPIA as a prominent institution in the psychotherapeutic care of children and adolescents.

KEYWORDS: CEAPIA. History. Founders.

Comissão científica: Boa noite, queridos ceapianos, em especial aos nossos convidados especiais da noite, os fundadores do CEAPIA Fernando Kunzler,

¹ Médico. Psicanalista (Asociación Psicoanalítica Argentina). Analista de crianças e adolescentes (Associação Psicanalítica Internacional). Analista de casais. Sócio fundador do CEAPIA. Analista Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Membro do CEPdePA. E-mail: fkunzler@terra.com.br.

² Médico psiquiatra. Especialista em psiquiatria infantil (ABP). Terapeuta de famílias e casais. Especialista em Terapias Cognitivo-Comportamentais. Sócio fundador do CEAPIA e coordenador do InTCC. E-mail: luizcprado@psicoclin.net.

Luiz Carlos Prado e José Ottoni Outeiral (em memória), e aos colaboradores históricos Abraham Hersz Turkenicz, Adonay Genovese Filho, Alberto Stein, Alice Milman Bugin, Ana Lucia Waltrick dos Santos, Angela Piva, Carmen Inês Debenetti, Claudia Giongo, Érico Camargo, Fernando Linei Kunzler, Helena Centeno Hintz, Ineida Aliatti, José Ottoni Outeiral, Jose Ovidio Copstein Waldemar, Lisiane Milman Cervo, Luiz Carlos Prado, Magali Fischer, Nair Teresinha Salin Gonçalves, Norma Utinguassú Escosteguy, Olga Garcia Falceto, Paulo Antônio Borghetti, Roberto Graña, Rosa Lúcia Severino e Rosana Igor Rehfeld. É com muita emoção que convidamos vocês e toda a comunidade ceapiana para conversarmos sobre a nossa história! Neste ano festivo, em que comemoramos nossos 45 anos, pensamos em formas de celebrar tudo o que foi construído até aqui! E nada mais simbólico do que iniciarmos conhecendo e revisitando a nossa história. Propiciando esse encontro entre aqueles que deram início e aqueles que têm dado continuidade a ela. É bastante comum ouvirmos que o CEAPIA é de cada um de nós. Como escreveu nosso querido Fernando Kunzler no texto em comemoração aos 40 anos do CEAPIA, foram muitas histórias que deram origem à nossa instituição. Conhecê-las é conhecer o que nos constituiu como terapeutas e seres humanos, e todos nós sabemos o quão precioso é esse conhecimento. Que o encontro de hoje proporcione reencontros, reconhecimentos e mais histórias!

Fernando Kunzler: Agradeço, pelo CEAPIA, à Direção em nome de sua Comissão por esta atividade e pelo cuidado que vocês, como representantes dos ceapianos, têm com o CEAPIA. O Outeiral e o Prado haviam cursado um curso de psiquiatria infantil na Melanie Klein – Porto Alegre.

Eu havia voltado em 1977 de Buenos Aires, onde fora fazer minha formação analítica de crianças e adolescentes na Asociación Psicoanalítica Argentina (APA), sendo que na APA, casualmente fiz parte da fundação do Centro Arminda Aberastury (Psicanálise Infantil e Adolescentes). Em Buenos Aires havia reencontrado um colega de Medicina, Paulo César Brandão, que me apresentou seu amigo e psicólogo, Alfredo Jerusalinsky. Os dois vieram em 1976 para o Brasil.

Era 12 de outubro de 1978 - feriado. Outeiral, Prado e eu, nos reunimos na casa do Outeiral, na Rua João Telles. Os dois partilharam a ideia e o convite de fazermos um Curso sobre Crianças e Adolescentes. E foi assim que tudo começou. Para a 1ª turma de formação foram convidados Paulo e Alfredo como docentes.

Adonay Genovese Filho: Sabe Fernando, tu falaste de tantas coisas, mas quero saber do início. Como começou o CEAPIA?

Fernando Kunzler: Claro. Talvez nosso amigo Prado possa nos ajudar com isso. Pena tu não estares presencialmente aqui!

Luiz Carlos Prado (presente de modo *online*): Boa noite a todos! É uma alegria estar aqui. Eu estaria aí hoje, eu estava em uma grande expectativa. Mas me surpreendi sendo contaminado por covid, então não pude estar pessoalmente.

te. É uma alegria muito grande poder estar participando desse encontro. Mesmo *online*, quero dar um abraço carinhoso em cada um dos antigos e dos novos colaboradores, por estarem levando a instituição adiante. Ela é uma instituição privada e, por isso, sabemos que é inédito ela ser tão antiga, ela durar tanto. Pelo que lembro, o Fernando tinha 30, eu 32 e Outeiral era um pouco mais novo, tinha uns 27... Antigamente havia o CECAD (Centro de Estudos da Criança e do Adolescente). Ali estavam pessoas muito interessadas no assunto e era um grupo realmente grande e nós pensamos em formar uma associação. Na época também tinha a ABENEPI (Associação Brasileira de Neurologia e Psiquiatria Infantil e Profissões afins), onde havia seis psiquiatras infantis e não aceitavam psicólogos. E nós fizemos um movimento de abertura para a entrada de psicólogos. Isso aconteceu um pouco antes do CEAPIA. Eu já tinha essa ideia de criar algo para ensinar a terapia de infância e adolescência para psicólogos. Para psiquiatras, esse espaço já existia. Os psiquiatras da época especializados em infância montaram uma turma de formação, que tinha como alunos eu, o Outeiral, e mais dois ou três. Foi ali que nos formamos. Lembro que a cada tempo tinha que fazer um trabalho da atividade. Acho que escrevi meia dúzia de trabalhos para a conclusão dos módulos (risos). E hoje reclamam que temos que fazer um trabalho ao ano... Na época, era um trabalho por módulo! E a gente queria reproduzir isso para outros colegas psicólogos. Como já mencionamos, na época os psicólogos não eram aceitos para trabalhar com psicoterapia. A maioria trabalhava com avaliação e não com psicoterapia. O CEAPIA foi o primeiro curso que passou a ensinar os psicólogos a fazer psicoterapia. O único psicólogo que circulava entre nós era o Jerusalinsky, que havia chegado de Buenos Aires. Em seguida, começou uma geração toda de psicólogos que se formaram e são reconhecidos na área, professores e veteranos. Pessoas que criaram muitas coisas interessantes. O CEAPIA foi um semeador de conhecimentos e saberes que dura quase meio século!

Fernando Kunzler: O Bertoni estava em algum desses lugares? Ainda tinha o Fernando Neto...

Luiz Carlos Prado: O Bertoni fazia conosco um grupo de estudos sobre filosofia e Freud.

Fernando Kunzler: Verdade! O Outeiral tinha uma ligação importante com a Pinel!

Abraham Turkenicz: Eu fui colega de turma do Outeiral. Fiz a minha formação em Buenos Aires e na minha volta o Outeiral me chamou. Ele estava precisando de professor para o segundo ano do curso. Imaginem! Eles montaram o curso, que era de dois anos na época, mas só tinham professores para o primeiro ano (risos). E então meu ingresso se deu por esta via. Eu me inseri em toda a parte da adolescência e da família.

Fernando Kunzler: O início se deu em um espaço... uma casa na Pinel!

Abraham Turkenicz: E nós ficamos um tempo naquela casinha e depois surgiu esta casa...

Ineida Aliatti: Tive o prazer de conhecer a Norma em Paris, que posteriormente me apresentou ao CEAPIA. Fui contratada como psicóloga no centro de saúde mental Melanie Klein, que naquela época ainda fazia parte do curso de psiquiatria da UFRGS, antes de se tornar o Clínicas. Assumi minhas funções imediatamente, começando a trabalhar e atender crianças. No entanto, logo fui informada de que meu papel como psicóloga estava limitado à avaliação e participação em grupos operativos, sendo proibida de realizar psicoterapia ou participar de grupos terapêuticos! Essa restrição me deixou indignada, pois eu havia estudado e me dedicado tanto para poder aplicar meus conhecimentos. Felizmente, pouco tempo depois, surgiram oportunidades para psicólogos na sociedade e tudo mudou para melhor.

Magali Fischer: Eu entrei para o corpo docente do CEAPIA a convite da Norma, no mesmo ano em que terminei o curso. Junto comigo, entraram outras colegas: Alice Bugin, Ângela Piva e Rosana Igor. Entramos como auxiliares de ensino, fomos pioneiras nesta função aqui no nosso CEAPIA. Tínhamos acabado de entrar quando, nas nossas reuniões iniciais, o Prado disse: tive uma ideia louca. E se comprássemos esta casa? (risos) Em princípio, todos achamos uma loucura! Eu, particularmente, me assustei... mas no final, depois de muitas reuniões, discussões e ponderações, esta loucura se tornou viável, e desta ideia loucamente maravilhosa, a casa se tornou nossa. O CEAPIA, desde então tem sua casa própria!

Ana Lúcia Waltrick dos Santos: Eu também queria cumprimentar essa diretoria por essa iniciativa tão bonita, tão emocionante. Eu também fiz CEAPIA lá naquela época que não tinha ainda os professores para todos os anos. Compramos a casa e eu saí, fui estudar fora, logo depois voltei. O CEAPIA foi realmente meu ponto de origem. Eu conheci pessoas muito importantes. Profissional e pessoalmente. Amigos que gosto muito! Colegas muito queridos e que eu acho que fizeram um percurso bonito de poder levar o CEAPIA até esse lugar. Lembro dessas salas... dos momentos em que aqui vivi.

Rosana Igor Rehfeld: Estou extremamente emocionada! É uma imensa felicidade! Passei 28 anos no Rio de Janeiro, onde eu era conhecida como “aquela do lugar... o CEAPIA”. O CEAPIA foi meu guia, meu ponto de referência, meu tudo. Quando cheguei ao Rio, fui realizar a minha formação psicanalítica, mas foi aqui que aprendi a enxergar a criança nos meus pacientes adultos. O CEAPIA sempre esteve presente em minha vida. Não consigo me lembrar do tempo antes do CEAPIA. Tudo começou a partir dele. Este momento é de orgulho para mim. Lembro-me de uma vez em que a Dra. Edna Vilete, uma grande estudiosa de Winnicott, decidiu oferecer um curso sobre o perfil diagnóstico de Anna Freud. Ninguém sabia do que se tratava! Eu disse: “Eu sei o que é, e já fiz. É algo imenso e complexo. Eu até tenho um livro sobre o assunto!” Muitas vivências importantes na minha vida surgiram do CEAPIA, que foi minha verdadeira escola. Agradeço imensamente ao Fernando, Outeiral e Prado por terem tido essa ideia. Ainda bem que meu pai me ajudou, pois eu não tinha os mil dólares para contribuir.

Rosa Lúcia Severino: Fiquei pensando hoje à tarde que lembranças eu tinha daquele passado e lembrei muito das reuniões na Pinel, dos grupos de estudos, da compra da casa, da ABENEPI, que era onde a gente estava muito inserido enquanto instituição. De 1987 a 1997 eu estava inserida como professora e supervisora, depois veio o curso do CEAPIA com os seminários sobre família.

Luiz Carlos Prado: A ABENEPI se mobilizou para receber psicólogos e outros profissionais relacionados. Fizemos um movimento que resultou na expansão da ABENEPI naqueles anos. Gostaria também de lembrar que, no final dos anos 80, quando Ovídio, Olga e Stein retornaram dos Estados Unidos com formação em terapia familiar, eu também comecei a trabalhar nessa área. Nos anos 90, criamos o curso 2, que era o curso de terapia familiar. Durante alguns anos, de 1990 a 1996, o CEAPIA oferecia os dois cursos: o curso de infância e adolescência e o curso de família. No entanto, como acontece na vida, começaram a surgir alguns problemas de espaço e houve certa rivalidade entre os dois grupos. Foi então que realizamos algo muito bonito: uma separação absolutamente amigável. Organizamos a saída de todo o grupo que estudava e trabalhava com o curso de família para criar o Instituto da Família. O CEAPIA, por sua vez, seguiu com seu principal foco, que era a formação em infância e adolescência. No entanto, é importante ressaltar que essa negociação, realizada em reuniões e assembleias, foi absolutamente amistosa, o que não é comum de se ver.

Ineida Aliatti: Sabe Prado, tu falando da separação amigável, eu lembrei de uma coisa que a Norma sempre faz questão de lembrar. Algo muito legal no CEAPIA é que nós éramos uma equipe muito grande e os conflitos sempre vão existir em qualquer equipe. A Olga Albissuri de Garcia da Argentina, vinha para cá trabalhar conosco para poder trabalhar com os conflitos que existiam entre a equipe. Isso era algo que o CEAPIA proporcionava para que pudesse haver uma certa harmonia.

Norma Escosteguy: Sem dúvida, acredito que uma das características marcantes do CEAPIA desde o início tenha sido essa possibilidade de trânsito mais amplo. O Prado afirmou que somos uma instituição privada, mas, na verdade, somos uma instituição que mantém essa abertura. Hoje em dia, quando me refiro ao CEAPIA, digo “nós somos”, embora não seja uma das fundadoras. Cheguei em 1980, e quando o CEAPIA foi fundado, soube das notícias. Estive em Paris em 1976 e retornei em 1980, quando fiquei sabendo sobre ele. Na época, já era amiga do Prado e do Outeiral. O Fernando me avaliou para saber se eu poderia ser supervisora, e o CEAPIA me adotou, assim como eu adotei o CEAPIA. Neste ponto, gostaria de mencionar a Olga Albissuri de Garcia (Toti) e a abertura do CEAPIA para novas possibilidades criativas. Recentemente, falei sobre o vínculo que Porto Alegre manteve por muito tempo com a Argentina, comprovado pelo retorno de todos que foram fazer formação lá. Os argentinos faziam parte essencial de nossa formação, e a Toti também nos trouxe o psicodrama e o psicodrama institucional, proporcionando-nos uma experiência

terapêutica e humana muito interessante. O CEAPIA teve a capacidade, a meu ver, de trazer uma pessoa capaz de nos ajudar a superar esse impasse, que foi um verdadeiro impasse. Embora tenha sido resolvido de forma amigável, não foi totalmente solucionado, pois não conseguimos estabelecer a integração e convivência que talvez fosse desejável. No entanto, conseguimos realizar uma separação que foi muito trabalhada, dolorosa e bem-sucedida, pois todos continuamos amigos. Esse foi o último trabalho dela. Antes dessa separação, ela atuou com intervenção institucional, o que considero um marco na história do CEAPIA. O movimento de integração, não integração e proximidade afetiva entre grupos com trabalhos diferentes com crianças e adolescentes é, de fato, um marco institucional. Em um de nossos aniversários, fizemos um levantamento de todas as turmas e para onde as pessoas foram, se tornaram figuras fundamentais no CEAPIA ou seguiram em outras direções. Acredito que isso também faça parte de nossa história.

Abraham Turkenicz: Eu gostaria de acrescentar que o CEAPIA acabou abrigando o Instituto da Família antes de se tornar o Instituto da Família propriamente dito. Ele se desenvolveu de alguma forma aqui dentro, assim como o CEPdePA (Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre) também foi gerado aqui. Os primeiros anos do CEPdePA começaram dentro do CEAPIA, com a ideia de que, já que o CEAPIA está focado na infância e adolescência, o CEPdePA se dedicaria ao mundo dos adultos. Foi aqui que os seminários tiveram início, e alguns anos depois, eles reavaliaram a situação e decidiram que era melhor sair. Esse processo ocorreu de forma tranquila, sem conflitos flagrantes. Ao longo do desenvolvimento do CEAPIA, houve outros conflitos em diferentes momentos, alguns mais intensos e outros menos, por assim dizer. No entanto, em geral, tenho a impressão de que o CEAPIA foi capaz de acolher uma boa quantidade desses conflitos.

Fernando Kunzler: Se em Porto Alegre havia predominantemente médicos ou psiquiatras, como o CEPdePA surgiu? Tivemos uma turma composta por cerca de oito ou dez psicólogos e quatro médicos que tinham conhecimento limitado na área. Então, com Newton Aronis, Theobaldo Thomaz e César Bastos, realizamos seminários para que eles pudessem compreender o que estávamos discutindo. Ao longo do ano, eles participaram desse curso para adquirir um melhor entendimento da dinâmica. Foi esse grupo que se formou aqui dentro que deu origem ao futuro grupo do CEPdePA.

Norma Escosteguy: Eu gostaria de aproveitar para mencionar o prazer imenso que tive ao convidar a Ineida e a Ester. No meio desse percurso, acredito que eu e a Ester nos encontramos quando eu estava chegando. Tivemos uma conversa maravilhosa sobre a possibilidade de fazer a formação na França, e ela foi e retornou ao CEAPIA. Isso também aconteceu com outras pessoas. A Beth Zambrano veio do Rio de Janeiro, e nós fomos ao encontro dela, desejando que ela se juntasse a nós. A Beth Kuhn também fez sua formação nos Estados Unidos e a convidamos para participar. Esse movimento de agregar e, ao mes-

mo tempo, oferecer espaço, certamente nos enriquece com outras experiências e é uma marca do CEAPIA. Essas idas e vindas enriquecem enormemente o CEAPIA! Os alunos seguem sua formação, tornam-se didatas em outras instituições e permanecem conosco, o que considero profundamente enriquecedor. Além das gerações reais que temos no CEAPIA, quando vejo a Lisiane e a nossa Gica - filha da Lisiane, e a Clarinha, filha da Ester, que também passou por aqui! São gerações que passaram por uma instituição que se mantém e não apenas se mantém, como o Prado mencionou, há 45 anos, mas também mantém um certo vigor de atualização, abertura e enriquecimento. Isso é o mais importante para nós! Que não apenas nos mantenhamos, mas que também sentimos que somos sempre um lugar capaz de se renovar, se enriquecer, acompanhar e criar, apesar de todas as dificuldades que naturalmente enfrentamos.

Esther Litvin: Enquanto ouvia os depoimentos, minha mente viajou longe. Lembrei-me de onde o CEAPIA começou. Não foi na escola terapêutica Anna Freud, ao lado do Hospital Pinel? Lembro-me das reuniões clínicas que aconteciam lá. Também me lembro de um caso de um menino que, em plena ditadura militar, recebeu o prenome de Fidel. Foi um momento marcante. Depois, iniciei o curso de psiquiatria e passei pela seleção com o Bertoni. No entanto, antes de começar o curso, ele faleceu. Então, fiz um estágio na escola terapêutica com autistas, coordenada pelo Outeiral. Ele me ajudou muito, pois eu tinha o desejo de ir para o exterior. Ele me forneceu várias cartas de apresentação, e fui conversar com Luís Carlos Menezes em Paris. Ele me indicou o que ele havia feito na Salpêtrière, onde também fiz estágio. Antes de partir, a Norma estava chegando, então fui conversar com ela. Ela me incentivou a ir, e assim fiz. Realizei vários estágios no Alfred Binet, com Lebovici. Quando retornei, procurei a Norma para supervisão, e ela me convidou para participar de uma jornada no CEAPIA. Fiz um resumo do livro "O Eu-pele", de Anzieu, e foi assim que iniciei no CEAPIA. Tínhamos um grupo de supervisoras, com o coordenador Fernando Kunzler, e participavam Magali, Alice e, se não me engano, Lisiane...

Magali Fischer: A Ana Lucia...

Ester Litvin: E outra coisa muito importante que me lembrei foi o início da Observação de Bebês no CEAPIA, que teve início com o Prado. Ele e eu coordenamos um grupo de estudos, no qual alguns colegas realizaram observações, e tínhamos supervisão em grupo. Além disso, fundamos o Setor de Intervenção Precoce, que foi iniciativa do Prado. Inicialmente, ele tinha outro nome... Tive a oportunidade de participar de alguns pioneirismos! Fui presidente do CEAPIA, o que é uma grande honra para mim! O CEAPIA, sem dúvida, fez uma grande diferença na minha vida e abriu portas para outras oportunidades. É muito bom te ver, Prado, já fazia muitos anos que não nos víamos.

Luiz Carlos Prado: Pois é, estamos sintonizados. Estava pensando em nosso grupo de bebês e refletindo sobre nosso pioneirismo. Sempre buscamos inovação. Quando começamos a ouvir falar sobre a Observação de Bebês na Inglaterra, movidos pelo entusiasmo juvenil, decidimos criar algo semelhante. No

entanto, decidimos inovar, o que na época era quase considerado uma heresia, pois o grupo de observação pais-bebês era construído dentro das formações psicanalíticas, com um caráter austero. Nós introduzimos o uso de filmagens, algo que já era comum na formação em terapia familiar, pois os pioneiros dessa área sempre utilizaram filmagens para observar as interações entre as pessoas. Naquela época, usávamos fitas VHS. Desenvolvemos um programa de observação que registrava a primeira observação e, a cada três meses, realizávamos novas filmagens até completar um ano.

Ester Litvin: Ainda é assim!

Luiz Carlos Prado: Ainda é assim!? Tenho até hoje algumas fitas daquela época. Às vezes eu as utilizo, pois tem algumas maravilhosas. Tinha uma bebezinha em uma das filmagens em que a mãe começa a cutucar o nariz da bebê com um cotonete, enquanto a bebê chora. E a mãe, com muita calma, continua mexendo no nariz da criança, e essa situação dura cerca de 5 minutos. Eu separei esses cinco minutos e, algumas vezes, mostro essa cena. As pessoas não conseguem aguentar mais de um minuto. É muito interessante! É bom saber que isso ainda acontece até hoje. Quando começamos a fazer intervenções, não tínhamos pacientes. Naquela época, ninguém levava bebês para atendimento psicológico. Tivemos um ou dois casos. Então, tivemos a ideia de ir para o Hospital Presidente Vargas para atender e trabalhar lá. Aprendemos muito nesse ambiente. Depois, fomos para o Instituto da Família.

Magali Fischer: Quero frisar uma característica do CEAPIA, que está nas entrelinhas de muito do que foi falado aqui: a abertura. Essa marca permanece, para sempre na vida de todos que passaram pelo CEAPIA. E como a Norma mencionou sobre as gerações, por exemplo, agora a minha auxiliar é a Ana Carolina, que é filha da Cátia Mello. É algo muito bonito, prazeroso e emocionante. Não posso deixar de lembrar também da dona Eva, secretária do CEAPIA. Penso que foi uma pessoa importante para todos nós, alunos da época, e para o CEAPIA.

Fernando Kunzler: Finalizando, nós iniciamos o CEAPIA com a intenção, além da formação de terapeutas da infância e adolescência, de auxiliar pessoas sem recursos financeiros. Agora, diante das transformações sociais em curso, e das ações afirmativas, que estão sendo retomadas, sinto que estamos caminhando em direção a algo ainda mais inclusivo e efetivo, o que me dá uma grande satisfação. Além disso, gostaria de expressar o seguinte: quando o Ceapia comemorou seus 40 anos, eu disse que sou parte de vocês, agora quero completar, dizendo: vocês também são parte de mim! Estou imensamente grato e feliz por tê-los aqui, e por mais esta rica e afetiva comemoração dos 45 anos do nosso querido CEAPIA. Muito obrigado!